

Um dia de festa

FERNANDO PEDREIRA

Muito antes dos *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, Virginia Woolf já havia descoberto que o grande mal do século 19 é que ele foi um século muito úmido. O anterior, o 18, fora claro, enxuto, luminoso, até. Chegou a ser chamado de Século das Luzes; o século de Voltaire, de Adam Smith, de Thomas Jefferson, de João Sebastião Bach.

Mas, na madrugada do dia 1º de janeiro de 1801, o vasto céu de Londres foi rapidamente tomado por nuvens negras, enormes, pesadas, e a chuva começou a cair. Durante 100 anos ia chover muito. Nas raras vezes em que o sol conseguia filtrar-se através do céu encoberto, para secar esta ou aquela poça d'água, era apenas sinal de que, nos dias próximos, ia chover ainda mais e mais pesadamente. A umidade doía nos ossos, penetrava no ferro, na madeira, no sangue dos bichos e das pessoas.

Virginia Woolf não diz se o fenômeno foi especialmente inglês, ou se atingiu com intensidade semelhante toda a Europa do Norte. Mas, ao menos na Grã-Bretanha, as conseqüências de tanta chuva foram consideráveis. As coisas enferrujavam ou apodreciam, as idéias embaçavam e aguavam; as pessoas cobriam-se de roupas, trancavam-se nas suas casas. Em conseqüência da promiscuidade maior, aumentou dramaticamente a fertilidade das mulheres e dos autores. As senhoras estavam sempre grávidas, tinham 15 a 18 filhos. Publicavam-se romances com milhares de páginas, folhetins infundáveis como verdadeiras novelas de TV. Nestas circunstâncias, para evitar o completo desmoronamento da moral privada e pública (assinála Virginia), os costumes britânicos tornaram-se rígidos, formais, vitorianos. A malícia, a irreverência, a alegre liberdade dos séculos anteriores desapareceram.

E o Brasil? Será que se pode dizer que também no Brasil o século 19 foi especialmente úmido? Sob uma certa maneira de ver, não há dúvida que sim. O século 19, entre nós, foi o século inglês por excelência; foi o tempo (a partir da abertura dos portos, em 1808) da grande e dominante influência britânica no Brasil. Os ingleses trouxeram-nos o gosto pelos empréstimos externos, o futebol, as estradas de ferro, e certamente não terão deixado de trazer também uma dose considerável da sua umidade oitocentista. De outra forma, como explicar que as pessoas andassem de fraque preto, colete, polainas brancas, chapéu alto e colarinho engomado na Rua Mata-Cavalos? Poder-se-ia alegar que os brasileiros andavam assim cobertos para evitar as mordidas dos mosquitos da febre amarela; que era então um flagelo bem pior e mais freqüente que a Aids de hoje. Mas a verdade é que naquele tempo nem sequer se sabia que eram os mosquitos os transmissores da febre.

Assim como acontece com o marxismo, o liberalismo e outras teorias exóticas, também a teoria virgílica da umidade não deve ser aplicada ao Brasil sem que se levem em conta, cuidadosamente, as peculiaridades locais, históricas e sociológicas. Na verdade, apesar da influência inglesa, não é exato dizer que o século 19, entre nós, tenha sido mais úmido do que o anterior. O século 18 foi, no Brasil, o século do ouro e de Tiradentes; mas o século 19 foi aquele em que o sol da liberdade brilhou no céu da pátria em raios fulgidos. Foi o século da Independência e da República, um século que começou e acabou a cavalo, com Pedro I às margens plácidas do Ipiranga e Deodoro em São Cristóvão.

Ao contrário da Inglaterra, pode-se dizer que a evolução do Brasil, a própria emergência da nação e do Estado brasileiros correspondem a um processo de enxugamento, de desumidificação sistemática e persistente do país. Há 500 anos, quando aqui chegou o industrioso Cabral, isto era uma densa floresta, luxuriante e úmida, povoada por 1 milhão e meio de índios saudáveis e desnudos. Para plantar as raízes da nossa civilização, Cabral mandou acender umas tantas fogueiras, destinadas a espantar os mosquitos. Aos poucos, as matas foram sendo rasgadas e desbravadas e os índios expulsos de suas terras e dizimados — tarefa, aliás, que não chegou ainda ao fim, mas à qual os garimpeiros vão agora dar mais um impulso definitivo.

Aquelas três caravelas cabralinas, com sua carga de portugueses valentes, iam ser a semente da grande nação moderna. Do milhão e meio de selvagens restarão hoje, talvez, 15 ou 20 mil. Em troca, a população civilizada é da ordem de 150 milhões de almas, a crer nas últimas estatísticas. Houve, portanto, um brutal, um inimaginável aumento da produtividade e, com ela, do Produto Nacional Bruto. Terras que sustentavam precarissimamente 1 milhão e meio de silvícolas sustentam agora uma população vestida e motorizada 100 vezes maior — embora ainda com desniveis de riqueza muito acentuados e que nosso presidente considera injustos.

Tudo isso foi conseguido, conforme se assinalou, por meio de um enxugamento sistemático do território. No interior, o grande e característico instrumento civilizador foram as queimadas. Nada melhor para eliminar a umidade em excesso do que o fogo. As imensas florestas foram substituídas por campos e cerrados (processo que hoje alcança a Amazônia) e, em extensas manchas, esses campos e cerrados passaram a hospedar culturas produtivas. Em muitos lugares a terra foi reflorestada com árvores que a enxugam — os eucaliptos. Os rios foram disciplinados e, no litoral, os pântanos e as lagoas foram sendo gradualmente aterrados e loteados. Cidades inteiras, de concreto e asfalto, cresceram assim.

O Brasil progride, pois, por enxugamento. Seria preciso que algum brilhante historiador ou sociólogo, como Francisco Iglesias ou Francisco Weffort, descobrisse as leis do enxugamento nacional, que está longe de ser constante e homogêneo. Ao contrário, ao menos em política, há períodos em que ocorrem verdadeiras inundações. Isto acontece quando os diques lentamente construídos pelo gênio nacional rompem-se pela força de muita chuva acumulada, como aconteceu em 1930 e, outra vez, em 1964.

É preciso, então, pescar cuidadosamente as instituições e estendê-las ao sol. Às vezes elas estão completamente estragadas e é necessário tecer outras; mas isso não se pode fazer enquanto não cai a umidade ambiente, que embaça as idéias e atrapalha especialmente as pessoas que usam óculos e são forçadas a limpá-los, a cada momento, nas fraldas da camisa.

Enfim, o século 19 passou e o vigésimo também já se vai indo. Tanto melhor. Como será o século 21? Hoje, dia 1º do ano, é dia de festa e de esperança. Dia de posse de um novo presidente que tem as idéias claras e a cabeça aberta aos ventos do tempo. Esperemos que os deuses o protejam e chova menos nos próximos quatro (ou oito) anos...

JORNAL DO BRASIL 01 JAN 1995

**Toma posse
um presidente
com idéias
claras e a
cabeça aberta
aos ventos
do tempo.**